

Acta da reunião do Conselho Consultivo do Azul

Porto, 17 de Junho de 2022

O Conselho Consultivo do Azul reuniu-se pela primeira vez no dia 17 de Junho de 2022, na redacção do Público do Porto, com as presenças físicas de José Luís Ribeiro, em representação da Lipor, de Luís Jerónimo, da Fundação Calouste Gulbenkian, de Joel Alves e José Reis da Biopolis, Manuel Carvalho e Teresa Firmino do Público, e de Miguel Miranda, um dos membros cooptados do conselho. Na reunião participaram a distância Ana Trigo de Moraes, da Sociedade Ponto Verde, Filipa Saldanha, da Gulbenkian, Francisco Ferreira e Ester Serrão, igualmente membros cooptados do Conselho.

A reunião começou com a divulgação de dados de tráfego do site Azul, tendo o director do Público mostrado a sua satisfação com os números globais e com o elevado tempo médio de leitura dos principais artigos. Como nota menos positiva, foi avançado o curto alcance de seguidores nas redes sociais e o facto de a percentagem de leitores entre os 18 e os 24 anos, um dos alvos prioritários do Azul, terem ficado abaixo das expectativas.

Os membros do Conselho reconheceram, no geral, o esforço da equipa e os resultados conseguidos e empenharam-se em deixar uma série de sugestões capazes de projectar a sua melhoria no futuro próximo. Transformando o Azul numa espécie de rede social mobilizada pela agenda do clima e do ambiente ou criando uma plataforma que facilite a interacção com os leitores, mobilizando as suas acções ou opiniões, como sugeriu Miguel Miranda. O propósito desta sugestão, precisou Miguel Miranda, é fazer com que o Azul funcione como uma espécie de rede social aberta a todos os actores, sejam membros de associações, de instituições ou da comunidade científica.

A necessidade de investir na criação de uma comunidade foi igualmente sublinhada por José Luís Ribeiro, que recomendou uma ligação maior às escolas. E, aprofundando os resultados dos textos que recomendam boas práticas, que ficaram genericamente acima da média nos registos de tráfego do Azul, o representante da Lipor recomendou mais trabalhos para reforçar o “sentido de urgência” de que os temas da crise climática ou da sustentabilidade necessitam. Como complemento a esse sentido mais pedagógico do jornalismo, foi igualmente proposto que o Azul vá “ao fundo” dos problemas, exigindo mudanças, especialmente na concretização das promessas das políticas públicas.

Luís Jerónimo recordou a importância de se considerar “a intersecção de todos os problemas” suscitados pela agenda ambiental. As ondas de calor repercutem-se na qualidade de vida de todos e em especial dos mais velhos; a inteligência artificial e a transição digital colocam o problema do fornecimento de energia, por exemplo. A complementaridade, e por vezes a oposição, entre o crescimento e a sustentabilidade devem ser temas incontornáveis do Azul. É, por isso, necessário falar mais em “crescer melhor” e em apostar em novos conceitos como o de “capital natural”, defendeu Luís Jerónimo.

Joel Alves começou por lembrar que “a sustentabilidade é susceptível de alimentar a polarização”, pelo que é importante evitar discursos catastrofistas que afastam os cidadãos da crise climática. Notou que o Azul deve ter um papel liderante na relação com os cientistas, envolvendo-os na sua agenda jornalística. Considerou que a biodiversidade deve assumir mais relevância na homepage do Azul – situação entretanto resolvida –, até porque os leitores interessados na agenda do ambiente “gostam da biodiversidade”. Joel Alves reforçou também a necessidade de se apostar mais na recirculação dentro do Azul e na importância de se agregar todos os conteúdos da infografia.

Ana Trigo de Morais congratulou-se com o facto de os trabalhos do Azul terem “mais por base a ciência do que a política”, embora tenha precisado que “o ângulo da ciência não pode afastar completamente o da política”. O Azul, na sua opinião, deve preencher “o espaço entre o idealismo e a realidade concreta da vida das pessoas”. Também, por isso, é fundamental falar de pessoas, em especial as que nas universidades, nas empresas ou nas associações estudam e trabalham na agenda do Azul. Nessa abertura, “é importante desinquietar, trazendo para a discussão temas polémicos e críticos”.

Ester Serrão concordou que “discutir temas controversos com base na ciência” tem de ser uma prioridade do Azul. Neste empenho devem sair “alertas” sobre a necessidade de suprir a falta de informação com que muitos dos temas da sua agenda editorial são tratados. Ou seja, o Azul deve fornecer aos seus leitores chaves de entendimento para a promoção da discussão de temas complexos como “a biodiversidade ou o sequestro do carbono”.

Francisco Ferreira elogiou o projecto (e os membros que representam as instituições que apoiam o Azul) pelo facto de no seu jornalismo “nem se dar conta da presença dos parceiros”, dizendo que esta independência é “um elemento a valorizar”. Francisco Ferreira considera o projecto tem conseguido “simplificar” informação complexa, mas defendeu que nos temas abordados e na forma como são abordados pelo Azul “há espaço para a inovação”. Como a generalidade dos membros do Conselho, Francisco Ferreira considera a aposta do Azul na infografia “essencial”.

Os parceiros pronunciaram-se também sobre algumas das questões prioritárias para o futuro do país e do planeta que merecem cuidado especial do Azul. Como a protecção das zonas marinhas. Ou a regeneração florestal. A questão dos resíduos, e o incumprimento das metas a que o país se tinha comprometido, mereceram igualmente uma atenção especial.

Ana Trigo de Morais

Ester Serrão

Filipa Saldanha

Francisco Ferreira

Joel Alves

José Luis Ribeiro

José Reis

Lúís Jerónimo

Manuel Carvalho

Miguel Miranda

Teresa Firmino